

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 19 de dezembro de 2018**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 317-329.*

- *Haja o que houver*
- *Da font de me anime*

*Glória*

**Carrón:** Boa noite a todos. Vamos trabalhar o capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, que começa falando do tema inicial de *Por que a Igreja*, porque os frutos da vida cristã nascem justamente da Igreja. Mas o que é a Igreja? “A Igreja é uma vida”; consequentemente, “é preciso envolver-se com ela para poder julgá-la” (p. 317). Os frutos só poderão ser esperados por quem se envolve com a vida da Igreja, por quem convive com a Igreja, no lugar onde é autenticamente vivida. Não é qualquer lugar, não é qualquer modalidade de participar da Igreja que produz frutos automaticamente. Nada é mecânico na vida humana, nos lembra quase que ininterruptamente Dom Giussani. Por isso, a primeira condição é que a pessoa participe de um lugar onde possa fazer uma experiência cristã verdadeira. Esta é a condição. Vê-se se a Igreja é vivida verdadeiramente, em todas as suas expressões, pela capacidade que tem de produzir frutos, porque “pelo fruto se conhece a árvore”. Não há o que discutir: é pelo fruto que se vê se a árvore é boa, se nós participamos de um lugar verdadeiro. Se nos envolvemos com a vida da Igreja, num determinado momento nos surpreendemos vendo em nós algo de novo, porque os frutos são os sintomas da eficácia desta vida que se comunica, são o sinal de que a Igreja é o lugar onde o Mistério age. É isto que estamos tentando entender no decorrer do trabalho deste livro: se a Igreja é o prolongamento de Cristo, eu devo poder fazer uma experiência de tal modo real, de tal modo verdadeira que me leva a aderir a Cristo.

No *Credo*, a Igreja é definida com essas características: una, santa, católica e apostólica. Estes são os frutos que descrevem a sua eficácia. Hoje, trabalharemos o tema da unidade, que é “a primeira característica – diz Giussani – daquilo que vive” (p. 319). Foi isto que Jesus quis comunicar, uma unidade surpreendente, como a que Ele vive com o Pai. Tanto é verdade que por esta unidade, quando se comunica, será possível reconhecer que Cristo realizou o desígnio do Pai: “Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. Que eles estejam em nós a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (cfe. Jo 17,21). Muitas vezes paramos nesse nível de unidade, a unidade entre nós, mas para poder viver a unidade entre nós é preciso surpreender, antes, uma unidade em nós mesmos, na nossa vida, uma unidade que responde a uma exigência nossa. Alguém poderia se perguntar: por que a unidade é tão decisiva? Por que a unidade é um fruto da eficácia de Cristo? Basta pensarmos em quando estamos inteiros vivendo o real e quando, ao contrário, estamos em pedaços e queremos apenas fugir de uma circunstância porque sufoca. O desejo que todos temos é o de sermos nós mesmos, de coincidir com aquilo que somos, com aquilo que vivemos, com o momento que estamos percorrendo. Por isso, esta noite queremos verificar se, e como, percebemos em nós esta exigência de unidade a partir daquilo que vivemos.

**Colocação:** *No sábado, 24 de novembro, participei de manhã do Dia da Coleta de Alimentos num pequeno supermercado, junto com cinco amigas do grupo de Escola de Comunidade. Era o primeiro turno e com audácia no coração, preparamos o local, as caixas, o registro online dos alimentos, etc., e com a usual organização que caracteriza cinco mães experientes, começamos o gesto. Foi a evidência de uma unidade entre nós, de unidade com o gesto da Coleta e de um desejo de plenitude que há tempos peço para encontrar no meu cotidiano: no relacionamento com meu marido e meus filhos, no trabalho, no gesto de arrumar as camas, estender a roupa e limpar a casa. Durante todo o dia estive diante de encontros inesperados que me mostraram claramente a*

*evidência da presença do Senhor. Por volta das dez horas, chegou um jovem pai com um grupo de meninos de uma paróquia próxima e um jovem padre que os acompanhava, e começou a organizar de modo muito eficiente a pesagem das caixas. Um espetáculo diante do qual ficamos juntas observando o que o Senhor estava fazendo por nós. Depois, à tarde, chegaram oito meninas do ensino médio que, provavelmente, vieram só porque sou professora delas e as convidei. Também nesta segunda ocasião, ajudada por uma amiga que estava ao meu lado, deixei que o Senhor agisse através delas, deixei que agisse por elas. Foi uma ocasião de encontro verdadeiro com aquelas meninas e com os tipos humanos mais variados que entravam no supermercado. Com a mesma disponibilidade, eu e minhas amigas aderimos ao gesto da AVSI que aconteceu na nossa região. Agora, a pergunta que está no meu coração é: o que ajuda a carregar o mesmo desejo de plenitude no cotidiano, com todas as suas nuances, bonitas ou feias, difíceis ou não, mas, do mesmo modo, doadas? Trata-se de um caminho do olhar e, portanto, do juízo? Trata-se de seguir? Trata-se de rezar? Trata-se de ser fiéis ao trabalho de Escola de Comunidade? Tudo isso pode contribuir para nos levar à pobreza de espírito?*

**Carrón:** Estão vendo? Participando – como você diz – de um gesto, logo tornou-se evidente uma unidade entre vocês. Pelo modo como o dia transcorreu, nasceu em você o desejo de que aquilo que viveu durante a Coleta de Alimentos se tornasse cotidiano. Este é o sinal da eficácia da Igreja: você voltou para casa com um desejo maior de não perder aquilo que tinha vivido naquele dia especial. É tão correspondente que desejamos que essa dinâmica se introduza em toda a vida. Através dos testemunhos das pessoas, vamos ver como responder à pergunta: que caminho é preciso fazer para que isso se torne realidade? Como podemos nos ajudar para que isso se torne realidade? Muitas vezes, de fato, temos um desejo de unidade que não se realiza, nossa vida é como que dividida em compartimentos isolados.

**Colocação:** *Estas últimas semanas foram bastante difíceis para mim. Entre aulas, laboratório e outros compromissos estou sempre correndo. Mesmo quando consigo parar um pouco, por exemplo, para almoçar com meus amigos, sempre preciso ficar de olho no relógio para não me atrasar para o próximo compromisso. Estando sempre com pressa, normalmente parece que me perco atrás das coisas a fazer, sem ter um momento para respirar, para olhar para mim, para me perguntar como estou. O resultado é que tudo se torna pesado (até porque, com o passar das semanas, o cansaço se acumula), apesar de, em particular, gostar das coisas que faço: participo de cursos interessantes, gosto de estar no laboratório, acho interessante acompanhar o trabalho com os representantes dos estudantes da minha faculdade. Então, acho que a questão da unidade é dirigida a mim. As palavras de Giussani descrevem uma maneira de viver que no momento não vejo em mim, mas que desejo muito. Parece que vivo em “compartimentos isolados”, tenho dificuldade de encontrar um ponto que una tudo, até porque as coisas que faço são muito diferentes umas das outras. Como é possível experimentar nas coisas de todos os dias a unidade de que fala o texto? Entendo que para começar a intuir uma resposta é necessário um caminho, mas justamente por isso preciso de alguém para seguir. Entendo que é fundamental ter um critério claro e intuo qual deve ser, porém, também tenho dificuldade em relação a isso. De manhã, posso até rezar as Laudes ou ir à missa, porém, durante o dia, parece que vivo no esquecimento. Então gostaria de pedir uma ajuda sobre este ponto: o que significa, para você viver essa unidade?*

**Carrón:** Antes de mais nada, o que emergiu com clareza em você a partir do que você nos contou? Qual a coisa mais evidente?

**Colocação:** *Que sozinha não consigo.*

**Carrón:** Que a unidade não é algo que podemos construir. Isso parece uma banalidade. Por isso, quando a Igreja diz que a eficácia da sua proposta se vê na “unidade da consciência” (p. 320) que gera, está fazendo uma promessa que corresponde ao que você deseja: não sabe como alcançar, mas deseja. Não é capaz de produzi-la, mas é o que deseja. Essa consciência é fundamental porque, então, não é preciso se autoflagelar, mas simplesmente reconhecer que não sou capaz, que não consigo juntar todos os pedaços da vida, que muitas vezes me perco correndo atrás das coisas a

fazer e a consequência são a ansiedade e a angústia. O que pode me ajudar? Qual é a promessa que a Igreja faz? Como se começa a entrever essa unidade, pela qual a vida deixa de ser dividida em compartimentos isolados? Agora que temos a pergunta clara, fiquemos atentos para perceber a resposta nas próximas colocações e qual é o ponto de partida para enfrentar o problema.

**Colocação:** *Minha vida, nos últimos dias, foi absolutamente normal: casa, escola, família. A pergunta era: como estou descobrindo a unidade da consciência? Observando-me na vida, percebi que a memória de Cristo está se tornando habitual (tocou-me muito, de fato, ler em A conveniência humana da fé sobre a “memória como norma” da vida). Somente no diálogo com a presença de Cristo, somente se sua memória está viva em mim, posso viver tudo, porque tudo é ocasião para se inserir nesse relacionamento. Tentarei dar alguns exemplos (são fatos aparentemente insignificantes, mas que para mim foram relevantes). Alguns dias atrás entrei, por acaso e apressadamente, em um bar onde nunca tinha estado. Assim que passei pela porta, me arrependi: era pequeno, escuro e sujo. A senhora atrás do balcão era triste e rude. Enquanto tomava o café pensava: agora vou para a escola e conto uma piada sobre esse lugar horrível. Mas parei na metade do pensamento, porque me veio um outro: como Cristo olha para essas pessoas? Ama-as infinitamente, assim como me ama infinitamente. Naquele ponto, olhei para a senhora do balcão e percebi que não a tinha olhado no rosto. Senti uma ternura imensa. E senti afeto por ela e pelas outras pessoas que estavam ali dentro. Outro exemplo: na escola, tenho uma aluna preguiçosa e um pouco impertinente. Durante uma prova, ela veio me fazer uma pergunta e, como sempre, estava em pânico. Normalmente eu a trataria um pouco bruscamente, mas naquele momento fiquei comovida porque havia dias que a olhava somente por aquilo que ela não era. E de novo aconteceu a mesma dinâmica: ela é preciosa aos Seus olhos, e é minha amiga por causa disso! Então respondi à sua pergunta encorajando-a a trabalhar, com a certeza de que poderia fazer a prova. Ela me olhou com estranhamento porque achava que eu não esperava mais nada dela. E ela também não esperava mais nada de si mesma. Pela primeira vez, enxugou as lágrimas e começou realmente a trabalhar. Último episódio: no sábado de manhã fui acordada bem cedo por minha filha mais velha porque a menor tinha derramado em si todo o copo de leite do café da manhã. Eram sete horas da manhã do sábado, levantei-me (para mim, este horário é cedo por ser sábado) e por um instante senti uma estranheza maluca em relação a tudo. Mas como está escrito em O Senso Religioso, me surpreendi novamente, depois daquele instante de desconforto, com as coisas, com todas as coisas: minhas filhas, minha cama, o leite derramado e o copo existem! Existem e Deus os dá a mim para que nas coisas, na vida, eu O possa conhecer mais, me afeioe mais e descubra pedaços de mim que não conhecia, mais verdadeiros. E dá vontade de viver tudo, nada mais é estranho ou dá medo! Contando alguma dessas coisas a minha mãe, ela me disse que as pessoas não iriam entender porque pode parecer um voluntarismo ou uma capacidade minha. Pensei sobre isso e dei-me conta de duas coisas. Em primeiro lugar, que quem me conhece sabe que não é assim. Mas a outra coisa que essa observação me fez descobrir é que, mesmo que alguém pense que não é verdadeiro, é um problema da pessoa! Tenho certeza do que está me acontecendo e não preciso ser dialeticamente persuasiva. Não que não desejo contar a todos (de fato, digo a todos), mas não sou chantageada pelo pensamento dos outros. E esta, para mim, é uma novidade absoluta, eu, que sempre tive necessidade do consenso dos outros para poder me sentir segura.*

**Carrón:** Vimos que uma pessoa não consegue produzir a unidade com a própria tentativa. De onde você partiu para descobrir a novidade dessa unidade? Você já disse, eu não sei nada além daquilo que vocês contam, não tenho uma linha direta com o Espírito Santo. Porque esta noite emergiram dois pontos de partida dos quais dependem dois métodos diversos. O primeiro: vocês tentam dar conta e não dão. E você, de onde partiu?

**Colocação:** *Do fato de que o Senhor me ama.*

**Carrón:** “Observando-me na vida, percebi que a memória de Cristo está se tornando habitual”! Vocês percebem a relação que há entre o que dissemos nos Exercícios da Fraternidade sobre a familiaridade com Cristo e a vida cotidiana? É uma familiaridade que não nos poupa dos desafios

(como foi para você a senhora do bar, a aluna, você mesma, sua filha), mas que faz emergir das entranhas a esperança que há em você – para citar Dom Giussani – justamente quando acontecem certas coisas. Há algo que me precede: a memória de Cristo, o reconhecimento de Cristo, a familiaridade com Ele. Dessa familiaridade que a pessoa vive, e que não poderia viver a não ser em um lugar – a Igreja –, nasce o fruto de uma unidade que pode mudar frente a uma coisa, outra, outra ou outra ainda. Ao invés de viver em “compartimentos isolados”, tudo nos fala d’Ele. O resultado é uma unidade que não é alcançada com nossas tentativas ou esforços, mas uma unidade como “experimentada lucidez quanto ao sentido da existência, pela qual o princípio a partir do qual julgar a si mesmo e o mundo é uma única Presença inequívoca” (p. 320), uma Presença que investe de tal modo o olhar que já não posso mais olhar a realidade e tudo o que me acontece a não ser a partir disso.

**Colocação:** *Ler este parágrafo sobre a unidade me exigiu bastante trabalho e não escondo que tive muita dificuldade de entender o texto. Todo dia eu o relia e me parecia entender um pouco mais. Mas ainda tenho muitas perguntas. Vou tentar resumi-las em duas. A primeira é: poderia me explicar, talvez com um exemplo, o que significa que o critério do cristianismo diante de tudo é uma Pessoa? Um pouco já foi respondida.*

**Carrón:** Um pouco. Vamos aprofundá-la.

**Colocação:** *A segunda diz respeito ao ponto “Unidade como postura de vida”: neste período vivi muitas dificuldades, sobretudo físicas, e foi quase espontâneo oferecer o sofrimento por algumas situações dolorosas das quais tomei conhecimento. Depois, quando li o parágrafo que diz: “Para a tradição da Igreja não existe [...] um gesto [...] que não seja responsável pelo universo, gesto de valor eterno” (p. 324), fiz algumas reflexões. Tenho certeza, por experiência própria, de que até as circunstâncias mais difíceis não são inúteis, são dadas para mim, mas, aqui, parece que diz algo ainda maior, quer dizer, que cada gesto nosso colabora com a ação salvífica de Deus. Então, lhe pergunto: isso é sempre verdadeiro, independente da consciência com a qual vivo ou realizo determinado gesto? E, ainda, isso é um dogma, como a Trindade? Ou é algo que eu posso verificar?*

**Carrón:** Vamos começar pela primeira pergunta que você fez: “Poderia me explicar, talvez com um exemplo, o que significa que o critério do cristianismo diante de tudo é uma Pessoa?”. Começamos com uma pessoa (com p minúsculo), porque só se entendemos em relação a uma pessoa (com p minúsculo), poderemos entender – por analogia – em relação à Pessoa (com P maiúsculo).

**Colocação:** *Eu e um amigo fomos convidados para jantar por um casal de amigos que se tornaram pais há algumas semanas. A pequena chegou no dia 22 de novembro e – como se pode facilmente imaginar – revolucionou a vida de sua mãe e de seu pai. Enquanto estávamos no carro, a caminho, recebi uma mensagem do pai dizendo: “Quando vocês chegarem, me chamem que eu desço para abrir o portão”. Não entendemos muito bem, e pensamos que o interfone estivesse quebrado. Na verdade, quando chegamos, ele veio até nós dizendo que a pequena estava dormindo, por isso pediu para que não interfonássemos. Entramos na casa: reinava um silêncio impressionante. O pai foi até a cozinha e voltou a “cuidar” do assado. Fiquei marcado, porque cada gesto que ele fazia – desde abrir a torneira (e não estou brincando) até mexer com a louça no fogão – era ditado por um simples fato: a pequena está no andar de cima dormindo. É preciso cuidar para não acordá-la. A mãe chega com um rosto radiante e nos cumprimenta. Também eu e meu amigo a cumprimentamos tentando fazer o mínimo barulho possível. Nós também ficamos envolvidos – e este é o ponto que me marca – por aquele novo estilo de relacionamento, aquele novo modo de se mover, cheio de atenção e disponibilidade que aquela menina, pelo simples fato de existir, estava determinando. Cada gesto naquela noite era a reverberação desse relacionamento, tão atual e contemporâneo a ponto de determinar aquela atenção, aquele cuidado, aquele novo estilo. Não havia regras, imposições, havia ela: a pequena no andar de cima. Mesmo ainda não a tendo visto, tudo,*

*realmente tudo, falava dela. Os olhos daqueles dois pais, tão comovidos e escancarados diante da aventura na qual dizem querer verificar a fidelidade d'Aquele que os chamou. Seus rostos tão contentes, sinal poderoso daquilo que está acontecendo com eles, até o modo como todos naquela sala colocavam os talheres sobre a mesa para não fazer barulho. E, aqui, o eco do texto: não há particular, não há gesto que, por menor e secreto que seja, não falasse, naquela noite, da presença da pequena. A ponto de, de maneira completamente inesperada, aquele ansioso desejo de poder vê-la que havia no início do jantar, ter dado lugar a uma espera cheia de certeza porque, no fundo, nós já tínhamos encontrado aquela menina. Toda a realidade era transparente dela. Cada ação naquela noite se explicava à luz do fato de que ela estava ali. Assim, olhando para o que aconteceu ali, fica claro para mim o conceito de mérito: “Não existem um pensamento, por mais secreto que seja, um gesto, por mais insignificante que seja, uma ação, por mais escondida que seja, que não sejam responsáveis pelo universo” (p. 324), movido por “aquele nexo profundo com a presença de Cristo no mundo” (p. 325).*

**Carrón:** Pedi que você nos contasse isso porque muitas vezes nós complicamos a vida. No entanto, como vocês veem, é simples reconhecer quando uma presença determina todos os fatores da vida: a consciência daquela menina que dormia no andar de cima bastou para determinar toda a noite. Por isso, como dizíamos antes, somente se uma presença é de tal modo familiar e presente a ponto de investir a nossa vida, até dar-mo-nos conta de que tudo é vivido em relação com ela, então tudo está unido, porque em cada coisa tendemos viver por aquela presença. Cristo não inventou outro método, a única diferença é que introduziu na nossa vida uma Presença, a Sua, infinitamente mais poderosa em relação à pequenina que está dormindo. A questão é se nós podemos viver os dias, mesmo no meio da distração, recuperando de quando em quando a consciência daquela Presença que torna mais unidos todos os fatores da realidade, até mesmo aquilo que tentaríamos renegar.

**Colocação:** *Fiquei muito tocada com esta passagem do texto da Escola de Comunidade: “Aqui está a genialidade da visão católica da vida. O divino na Igreja não tem necessidade de negar coisa alguma [...]: é uma unidade de postura que valoriza tudo, sem se escandalizar com nada. Ou seja, a Igreja pode estar certa de que não deve, se quiser manter-se coerente, esquecer ou renegar alguma coisa” (p. 320). Aos poucos essas palavras entraram em mim e comecei a dar-me conta de que existem muitas, muitas coisas de mim, da minha história que renego ou esqueço. Mas, ao mesmo tempo, nunca foi tão vívido em mim o desejo de que a minha vida possa ser unida a partir de dentro, quando estou em casa fazendo as minhas coisas e a casa se esvazia. Assim, comecei a olhar para mim e vi muitas coisas. Eu renego e esqueço que o mal que faço e o mal que sofro me fazem muito mal, e este é um momento de grande verificação no meu caminho. Começar a olhar para as coisas que ferem, relacionamentos que deixei ou relacionamentos que me deixaram, as doenças de alguns dos meus filhos e dizer: “Tenho medo disso; quem é capaz de me recolocar de pé?”. Outro dia, meu filho mais novo, de seis anos, tinha me irritado o dia inteiro e, no fim, exasperada, dei-lhe um tapa. Ele arregalou os olhos, sem esperar por aquilo e, antes de correr até mim para me abraçar, se jogou no sofá com o rosto escondido em uma almofada e ficou ali um pouco. Este gesto dele de querer se esconder e não querer ver nada me encheu de ternura. À noite, pensei: “Ele age exatamente como eu! Eu também, diante de uma ferida, me contorço e me dobro sobre mim mesma e não vejo mais nada a não ser o fato de que estou ferida!”. Neste período, ter coragem de olhar para minha humanidade toda me faz entender que já há uma Presença que me quer unida e todo o caminho que desejo é o de poder olhar no rosto Quem me faz repousar. Um pouco como meu filho fez comigo.*

**Carrón:** O que fez com que seu filho procurasse você de novo?

**Colocação:** *Porque eu fiquei ali.*

**Carrón:** Perfeito! É simples. Nós também temos vontade de fugir, como a criança. O que pode nos dar a coragem de olhar toda a nossa humanidade, o que nos torna mais unidos? Aquela Presença. Sem uma Presença como a que encontramos, nem sonhamos com essa unidade. E não porque não a desejamos, mas porque quando acontecem certas coisas não conseguimos olhar para nós com a

mesma ternura com a qual Cristo nos olha. Esse olhar diferente não é fruto de um esforço, é fruto da nossa participação em uma vida, a vida da Igreja, onde somos olhados assim, onde nos foi comunicado o olhar de Cristo. É isso que torna possível olhar também para as coisas mais misteriosas que podem acontecer, as mais dolorosas, porque nada está excluído.

**Colocação:** *A leitura das páginas sobre a unidade me impressionou porque estamos em um mundo onde tudo parece se esfacelar, onde tantas divisões se abrem até dentro da Igreja e do próprio Movimento. Li e reli essas páginas e fiquei muito ferida com elas: queria entender o que é essa unidade da qual a Igreja “brilha”. Essa pergunta ardia em mim nestes dias, era a pergunta com a qual me levantava de manhã. Na última quarta-feira, com essa ferida dentro, participei do funeral de um parente distante, que morreu de repente. Ele e a esposa perderam a única filha alguns anos atrás, vítima de um acidente. Eram ateus naquela época. Mas a dor pela morte da filha abriu-os a se darem conta da comunidade cristã com uma forma particular, a comunidade dos frades que cuidam do Instituto Sagrada Família, de Cesano Boscone, seus vizinhos. Daquela amizade nasceu uma conversão impressionante da mulher e, depois, também do marido, que dizia sobre si: “Se não fosse o Senhor a me mudar desse modo, nada poderia ter me mudado!”. O que tem a ver tudo isso com a questão da unidade? Tem haver – primeiro – porque naquela igreja cheia de pessoas ao lado da mulher, nestes lugares onde nos funerais normalmente sentam-se os parentes mais próximos, estavam todas as pessoas da comunidade, mostrando que Cristo cria visivelmente um laço de unidade mais forte do que o da carne e do sangue. Segundo: a esposa, no final da missa, disse algumas palavras, contando um pouco sobre a história deles, e disse – as palavras são dela, não minhas – que a morte da filha para eles “foi um ponto de realidade que nos abriu a pensar em Deus”. Enquanto a ouvia falar, de repente ficou claro para mim o que significa a unidade como postura de vida, porque todo tempo e todo espaço, “invadido” por Cristo, torna-se lugar onde se manifesta a Sua proximidade, até no mistério da morte de uma filha. E o que isso mostrou a mim e à minha ferida? Em primeiro lugar, que a unidade é Deus quem faz, portanto, onde há desunião não devo me esforçar para construir, eu, a unidade (nem fazer o contrário, aumentando a divisão), mas devo buscar o fundamento, ou seja, colocar em discussão Aquele que é o fundamento único da unidade. Além disso, tocou-me o fato de que quando faço Escola de Comunidade seriamente, a realidade “significa”, ou seja, corresponde. A obtusidade da realidade que não fala começa sempre com a minha obtusidade.*

**Carrón:** Aqui, vemos como a realidade responde à pergunta que nos fizemos tantas vezes durante esse trabalho. Como foi construída a unidade da pessoa depois de uma ferida tão grande como a morte de uma filha? Não foram os pais que construíram a unidade que você viu neles. A morte da filha foi um ponto da realidade que os abriu, e essa abertura tornou possível acolher uma Presença. “Se não fosse o Senhor a me mudar assim, nada poderia ter me mudado!”, dizia o pai, tanto é impossível obter isso com as nossas tentativas. Mas como o Senhor construiu aquela unidade, a ponto de torná-la tão concreta? O que permite construir a unidade, fazê-la surgir – dissemos no início – é a convivência “com a vida da Igreja lá onde ela é vivida autenticamente, onde é vivida seriamente” (p. 317), neste caso, aquela comunidade de frades. É o próprio Cristo, presente na comunidade cristã, que constrói a unidade da pessoa depois de uma ferida tão profunda. De fato, quando alguém se abre a Ele na comunidade cristã, “cria-se visivelmente um laço de unidade mais forte do que o da carne e do sangue”. Essa experiência permite entender a unidade como postura de vida, como você dizia. E isso responde a uma pergunta que me fez uma pessoa que não pôde vir esta noite: “Como é possível se recuperar dos golpes que a vida nos reserva?”. Nós o vimos: não nos recuperamos com alguma tentativa heroica nossa, mas simplesmente aceitando participar – “ficar de molho” como se costuma dizer – na vida da Igreja. Isso tem a capacidade de mudar e de gerar unidade, de aliviar as feridas, de fazer recomeçar sempre quando a pessoa está disponível (sem necessidade de qualquer heroísmo). Se não fazemos isso, é só por uma indisponibilidade nossa e não porque a vida da Igreja não tenha a eficácia de responder até mesmo à morte e à ferida que a morte provoca em nós. E, assim, chegamos a tocar o cotidiano: por exemplo, o trabalho.

**Colocação:** *Giussani afirma que o indivíduo, com sua ação, pelo nexó profundo com a presença de Cristo, é responsável pelo destino do mundo. A um certo ponto, começa a falar do trabalho de um modo que me deixou curioso, me tocou, e gostaria de entender completamente. Leio a passagem: “Na medida em que mergulhamos no gesto sacramental, a nossa humanidade é conduzida para aquele momento em que o homem estará novamente no seu lugar no mundo, ou seja, diante de Deus” (p. 328). O que significa essa frase? Por que fala também dos sacramentos? A única coisa que consigo pensar é que também o trabalho se torna ocasião para estar diante d’Ele. Aquilo que me acontece – de vez em quando, não sempre – é isto: trabalhar é ocasião de expressão de mim mesmo, sem dúvida. Quanto mais me vejo naquilo que faço, tanto mais percebo, se sou sincero, que quando digo “sim” a uma coisa que deve ser feita ou sinto tristeza por ter dito “não”, quando cuido de um detalhe ou enquanto trabalho, etc., vejo um amor àquilo que está diante de mim que amadureceu no pertencer a Ele. E isso é sensacional porque, como se faz, de fato, para amar a realidade com todas as coisas que para mim parecem contradições, injustiças, ou com o peso que a vida tem? Depois, Giussani continua e fala do trabalho como documentação da presença de Deus através dos milagres. Portanto, a natureza, de ambígua que era (portanto, perturbadora), mais uma vez torna-se “mediação”. Gostaria que me ajudasse a entender esta concepção nova do trabalho.*

**Carrón:** Naquilo que você está perguntado, o que lhe surpreende em relação ao sacramento?

**Colocação:** *O sacramento é algo que sempre vi um pouco como distante da vida, sobretudo quando era mais jovem. Com o tempo, na verdade...*

**Carrón:** E o que, do sacramento, é mais próximo a você? A comunidade cristã.

**Colocação:** *Sim.*

**Carrón:** É a própria Igreja que tem nos sacramentos a raiz do que você encontra naquela realidade humana, concreta, que tem a capacidade de lhe mudar – como você diz – e de fazer com que também as contradições e as injustiças possam ser vividas. No trabalho acontece a mesma coisa. Se você vive a comunidade cristã com essa consciência, aos poucos a modalidade com a qual você foi investido por essa Presença conduz você àquilo que diz São Paulo: “A vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gal 2,20). Se você deixa espaço a Ele todas as manhãs (por exemplo, rezando o *Angelus*, consentindo a Cristo entrar na sua vida), cedo ou tarde você se surpreenderá ao ver que determina o seu trabalho, até vencer a ambiguidade e investir o seu trabalho com aquela novidade que começou a investir você. Você precisa esperar para vê-lo emergir como fruto do seu pertencer à Igreja, sem precisar acrescentar ao trabalho definições que apenas o deixariam mais “frio”. Vivendo na comunidade cristã – que é sinal d’Ele –, você começou a ver como Cristo muda você. Essa experiência também incidirá no seu trabalho. Quando descobrir isso, volte aqui e nos conte. É isto que torna interessante também a questão do mérito.

**Colocação:** *Percebo uma diferença entre como Giussani fala do mérito e como eu o entendo e, em geral, como o propõe a mentalidade atual. O mérito me interessa muito, e sempre o faço coincidir com estar à altura das situações. Eu “mereço” o trabalho que faço se e apenas se minhas aulas (sou professor) estão à altura das expectativas da minha escola e da responsabilidade que tenho; ou se no trabalho com meus colegas consigo ser incisivo e sou reconhecido. Por outro lado, quando cometo erros, estou convencido de que “não mereço” aquilo que estou vivendo porque deveria estar à altura, mas não fui capaz em determinada circunstância. Acho que posso sintetizar assim: para mim, o valor é o sucesso e o mérito coincide com o dever ser. Por que para Giussani esse modo de conceber o mérito é errado? Por que o valor de cada circunstância e o mérito deveriam residir no fato de que Deus nos dá a possibilidade de colaborar com Seu desígnio? Neste caso, essa também não é uma questão de sucesso e de ver se estamos à altura ou não?*

**Carrón:** Qual é o valor do mérito, amigo? Podemos dar alguns exemplos nos quais vemos que o problema não é a capacidade, não é estar à altura? Eu sempre dou alguns exemplos. O que Nossa

Senhora poderia ter feito de mais importante para mim, para você e para o mundo, do que dizer “sim” a Cristo, ou seja, ao anúncio do anjo? Você acha que Nossa Senhora poderia ter feito algo mais importante para o mundo do que pronunciar aquele “sim”? Não! Este é o mérito! Não saiu daquela cidadezinha, mas o seu “sim” coincidiu com o bem do mundo. Como você vê, o mérito não tem a ver com o sucesso, no sentido de estar à altura. O valor de um gesto, o seu alcance, depende do seu relacionamento com a totalidade. Segundo exemplo: você acha que Giussani poderia ter feito algo mais interessante na sua vida do que dizer sim a Cristo? Cada um de nós se pergunte: pelo quê somos gratos a Dom Giussani? Pelo seu “sim” a Cristo. Aqui se vê o mérito. Então, o que você pode fazer pelo mundo, analogamente ao que fez Giussani e Nossa Senhora?

**Colocação:** *Responder.*

**Carrón:** Não estar à altura ou não; não ter sucesso ou não. Porque você pode ter sucesso segundo as condições que lhe são dadas, ou pode não ter sucesso. Pode ser o porteiro ou o presidente da República, mas do ponto de vista do mérito, não muda nada, porque nem todos podem ser chefe do Estado, nem todos têm as características ou as possibilidades para sê-lo, mas alguém que vive no seu pequeno espaço, limpando o bumbum do próprio filho está construindo o mundo – talvez melhor do que um chefe de Estado –, se vive com a consciência com a qual Nossa Senhora viveu. E isto é uma libertação porque dá dignidade ao seu gesto, mesmo pequeno, mesmo aparentemente banal. Todos sabemos muito bem que graça foi para nós o “sim” de Dom Giussani. Do mesmo modo, se alguém é seu colega de trabalho e percebe que você é um bem para ele, será por causa do “sim” que você disse a Cristo. Interessará mais a ele o seu “sim” do que o seu sucesso! Este é o mérito. E isto, como você vê, gera uma outra mentalidade. Qual é mais realista, a sua ou a de Dom Giussani?

**Colocação:** *Estava me perguntando a partir de quais elementos podemos dizer qual das duas é verdadeira?*

**Carrón:** Este é o ponto. O que mudou mais o mundo? O que incidiu mais no mundo, o que contribuiu mais para o bem do mundo? O “sim” de Nossa Senhora ou a “sucesso” de Pilatos?

**Colocação:** *Fiquei marcada com o modo como o texto fala da novidade, em particular, na página 323: “A vida como novidade, de fato, experimenta-se muito mais no acontecimento de algo que se espera do que na diferença, como tal, entre um presente e um passado. Ela reside também culturalmente na descoberta de uma correspondência que é possível apenas se houver um ‘antes’ de esperança, de desejo, de espera, de demanda. Então, a novidade é realização daquela esperança, satisfação daquele desejo, resposta àquela espera. Ela não consiste, para o cristão, na mudança como tal, mas na mudança que intervém aplicando-se aquele princípio unitário de inclusão pelo qual a criação inteira é ‘mistério’”. Para mim, a última frase é totalmente incompreensível, mas todo o trecho me provoca muito porque, para mim, a novidade é, na realidade, a minha mudança. Isso frequentemente me leva a medir e não a esperar. É a medida que me sufoca, sobretudo na minha idade, sessenta e três anos! Pergunto-me que desejo, que esperança, que espera, que demanda eu estou vivendo. Quando me olho à noite e não vejo quase nada, percebo que não é de um Amor que eu vivo! Você pode me ajudar? Obrigado pelo modo como nos ajuda a viver.*

**Carrón:** Esta é uma frase que não podemos perder, porque é muito libertadora. Muitas vezes, quando o trabalho nos sufoca, o que queremos? Mudar de trabalho. E quando uma circunstância nos sufoca, o que queremos? Mudar de circunstância. Quando alguém nos enche o saco, o que queremos? Fugir da pessoa. Mas temos certeza de que a mudança é realmente isto? Muitas vezes, fugimos de um lugar que nos sufoca para terminar em outro que nos sufoca ainda mais. Como alguém que tem úlcera no estômago: se a leva consigo, não basta mudar de restaurante para curá-la. Por isso, Dom Giussani disse que a verdadeira novidade não está na diferença, em fazer sempre coisas diferentes, viajar para cá e para lá. A mentalidade comum espera que a mudança aconteça disso ao invés de esperá-la da única coisa que muda realmente a vida: o acontecimento de Cristo, nas circunstâncias. Daí, sim, tudo se torna diferente, porque eu posso estar em qualquer



circunstância se deixo Cristo entrar e se Ele faz a Sua presença acontecer em mim. Isso nos permite estar em qualquer circunstância com uma vida unida, sem sufocar, respirando, porque a sua Pessoa presente torna diferente toda – realmente toda! – a vida. Ao enviar ao mundo Seu Filho, o Mistério O fez experimentar na Sua encarnação essa novidade para que nós pudéssemos ver que também Deus, que transcende tudo, pode acontecer em um Homem. Se Cristo ressuscitado acontece em nós desse modo, qualquer lugar será um lugar onde podemos respirar. Porque não é o lugar que nos faz respirar, mas Aquele que acontece em nós em qualquer lugar em que estejamos.

#### **Avisos:**

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 23 de janeiro, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre este segundo capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, de *Por que a Igreja*. Vamos retomar os pontos sobre a *santidade* e sobre o *milagre*: da página 329 à página 341. No site de CL, na seção Escola de Comunidade, vocês podem encontrar o arquivo em áudio dos trechos sobre as quais estamos trabalhando.

Vocês viram que todos os meses, *Passos* tem um tema principal – o Destaque – que ocupa grande parte da revista. Quer ser um modo para nos ajudar a usar a razão em uma questão que nos parece importante neste momento histórico da vida do Movimento, da Igreja e da sociedade.

Entre as contribuições para a Escola de Comunidade de hoje, chegou isto também: “Gostaria, em primeiro lugar, de expressar a minha gratidão pela revista *Passos* de novembro, porque através de dois artigos vi documentado o fruto da unidade da qual fala o texto da Escola de Comunidade, aquela unidade da consciência que provém diretamente do quanto Jesus nos revelou do Seu ser e do quanto nos pediu como participação na Sua presença, aquela simplicidade unificante no perceber, sentir e julgar a existência que, estando em contato com as coisas, os acontecimentos e os homens, organicamente tende a compreendê-los de modo aberto a todas as possibilidades e adequado a todo encontro [isto é *Passos*. E, portanto, quando propomos este instrumento é para nos ajudar a ter este olhar unitário]. A experiência de unidade que está documentada nos artigos que li me faz fazer a mesma experiência de unidade que se funda, que é fruto daquela familiaridade com o mistério”. *Passos* não é apenas para quem não tem nada melhor para ler, mas um instrumento para ampliar o olhar que aprendemos na Escola de Comunidade a todos os aspectos da realidade. É um olhar, como vocês viram, desejável. Muitos desejam que esse olhar unitário alcance cada aspecto da realidade e *Passos* é uma tentativa de nos ajudar a educá-lo.

No site de CL (<https://portugues.clonline.org/>) está disponível o vídeo em espanhol, com legendas em italiano, da apresentação do livro *El abrazo*, que o antropólogo espanhol Mikel Azurmendi escreveu depois de ter passado dois anos convivendo com nossas realidades na Espanha (as caritativas, as férias, as Escolas, o Encuentro Madrid, a Escola de Comunidade). É impressionante escutar como ele se surpreendeu com as coisas que viu e que muitas vezes nós consideramos óbvias, e ouvir a descrição do caminho que precisou fazer para compreender aquilo que via. É uma introdução a olhar a partir da novidade cristã. É uma grande contribuição para o nosso caminho que, espero, não queiram perder.

Nos próximos dias de festa trocaremos votos com muitas pessoas, na família, com os amigos e com outros. Meus votos é que o olhar a tudo e a todos, como vimos nesta noite – realmente a tudo e a todos – nasça da consciência, em mim e em vocês, da dignidade que o homem adquiriu pelo fato de que Deus se fez carne e habita entre nós.

*Veni Sancte Spiritus*

Feliz Natal a todos.